

O Serviço Médico à Periferia: a alma esquecida do Serviço Nacional de Saúde

António Arnault não foi o pai do Serviço Nacional de Saúde (SNS). Ele foi o Ministro que assinou o decreto-lei que criou esse serviço. Um SNS não é um papel assinado. O pai era outro.

O SNS português nasceu de uma visão que ia muito além do decreto assinado por António Arnault. Antes disso, existiu um projeto humano e técnico que levou a saúde pública aos locais mais isolados do país, o Serviço Médico à Periferia (SMP) - a experiência mais notável de justiça social e compromisso profissional da medicina portuguesa. Criado sob a liderança do Dr. Arnaldo Sampaio em 1975, enquanto Diretor-Geral da Saúde (1972-1978), o SMP teve como objetivo levar jovens médicos recém-formados às regiões mais carenciadas do interior. Após o internato geral, esses médicos eram destacados durante um ano para trabalhar em locais onde muitas vezes nunca tinha havido assistência médica regular.

O SMP não era apenas um programa de colocação: era uma escola de cidadania e de saúde pública. Ao contactar diretamente com a população rural, os médicos compreendiam a realidade sanitária do país e o papel social da medicina. Este contacto humano foi fundamental para consolidar a ideia de que a saúde devia ser universal, pública e próxima das pessoas — a essência do SNS.

Os princípios da base de um SNS para todos, foram definidos pela OMS na Conferência de Alma-Atu, em 1978. O SMP tinha como foco os cuidados de saúde primários localizados na periferia. A prevenção, a vacinação, a vigilância materno-infantil, o planeamento familiar e o acompanhamento das doenças crónicas eram as suas bases. O SNS nasceu depois em 1979 e só se tornou possível porque já existia esta rede de médicos e comunidades articuladas através dos Centros de Saúde, sob a direção de Arnaldo Sampaio. Este tinha uma conceção totalmente nova da saúde, que pretendia torná-la realmente pública, quer fazendo-a chegar a todos os cidadãos, quer pela generalização pelo país dos centros de saúde, quer sensibilizando a classe médica, através da formação, para a ideia de que o exercício exclusivo da medicina privada limitava o acesso generalizado da população portuguesa à saúde. O SMP foi o laboratório prático e humano onde o conceito do SNS ganhou forma.

O fim do Serviço Médico à Periferia, em 1982, representou uma das primeiras grandes ruturas com o espírito do SNS. Ao terminar o contacto direto entre jovens médicos e a população, perdeu-se a oportunidade única de manter o sistema ancorado na realidade social do país. O encerramento do SMP foi a primeira machadada nos cuidados de saúde primários e o início do desmembramento da medicina comunitária. A partir daí, o SNS transferiu o seu foco dos cuidados primários para os cuidados hospitalares.

O SMP demonstrou que a saúde pública só é verdadeiramente eficaz quando é participada, próxima e preventiva. Os médicos que como eu, serviram nas aldeias e vilas do interior entre 1975 e 1982 foram pioneiros de um programa de saúde pública mais igualitário. A sua ação coletiva foi, nas palavras de Jorge Seabra (AbrilAbril, 2018), “um caso exemplar de empenhamento na construção de um país mais justo e solidário”.

Recordar o Serviço Médico à Periferia é recordar que o SNS nasceu de um ideal de igualdade e serviço público, não apenas de um decreto assinado.

Dra Beatriz Maria da Costa Lamas de Oliveira

Universidade de Lisboa

Serviço Médico à Periferia em 1975, Odemira